**Bombrasil**

Luisa Duarte

Memória e resistência são irmãs. Não resta duvida de que a obra de Romy Pocztaruk afirma essa paridade. Seu programa poético, construído ao longo da ultima década, nos dá a ver uma pesquisa que se apropria criticamente do passado com vias a reconfigurar o nosso olhar diante do presente e, consequentemente, nossa perspectiva de futuro. Nesse ponto a artista se aproxima do materialismo histórico, tão bem delineado por Walter Benjamin (1892-1940), ainda na primeira metade do século XX.

Nas “Teses sobre o conceito de história”, de 1940, encontra-se a articulação textual de uma imagem dialética: “Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.”[[1]](#footnote-1)

            O materialista histórico tem olhos voltados numa direção: a do que precisa ser salvo. Aqui ele aparece transfigurado como o anjo da história. Ele está voltado para o passado, e não enxerga sem espanto a realidade que tem a frente de seus olhos. Pois, onde o historicista clássico vê uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma grande catástrofe, onde o historicista vê uma sucessão de vitórias, ele vê um amontoado de ruínas. Ele quer parar, recolher os destroços, juntar os fragmentos, acordar os mortos, salvar. Mas não pode, a tempestade que o impede é demasiadamente forte e o leva em direção ao futuro. O historicista, no seu ímpeto progressista, vai deixando para trás ruína sobre ruína. Estas ruínas são a transfiguração do acúmulo de sofrimento dos perdedores. É para reverter este processo, e transformar a história num campo de luta, e não de complacência, que trabalha o materialista histórico. A nova temporalidade proposta por Benjamin é o mecanismo que propicia esta transformação. Aqui, o ato de acessar o passado tem como bússola a urgência do presente. Pois só tendo em vista este prisma torna-se viável a retirada do objeto histórico do *continuum* do tempo, viabilizando assim uma modificação do nosso tempo. Ao apropriar-se do passado tal como este relampeja num momento de perigo, o historiador materialista tem a oportunidade de “despertar no passado as centelhas da esperança”.Este momento de perigo é a inflexão que determina a diferença.

            A pesquisa “Bombrasil”, que encontra uma versão em cartaz na Zipper, traz consigo esse *ethos* benjaminiano. Entramos na galeria e nos deparamos com um ambiente asséptico. Quatro estruturas de metal abrigam diferentes imagens em preto e branco que, diagramadas de maneiras distintas, estão penduradas de modo a evocar o display de uma espécie de feira de ciência ocorrida em um tempo remoto. As fotografias ali expostas apresentam registros de laboratórios, computadores que ocupam salas inteiras, ou ainda mulheres e homens de jalecos brancos que manuseiam, com precisão, tubos de ensaio. Vemos ainda máquinas indecifráveis e ambientes anódinos que nos endereçam pistas, como a foto de uma recepção que traz a inscrição: “Angra I”.

Ao redor desse aparato, as paredes acolhem pôsteres ampliados que trazem, em uma visualidade que se apropria de um saber do design gráfico de cunho construtivista, os seguintes dizeres: *Protocolos secretos existem; Brasil prepara local para teste nuclear; Brasil não quer a bomba atômica mas quer submarino; Brasil devera ter sua primeira bomba atômica em 1990; Itamaraty nega o plano para bomba.*

As manchetes relatam um programa atômico brasileiro iniciado na ditadura militar e cujo fim ainda desconhecemos. O espaço expositivo é crivado por um banco de madeira preso à parede que traz uma vela, tal como a de um barco, em sua ponta. Por fim, o ambiente é adornado com diferentes tipos de plantas. Essa “cenografia” evoca um estande promovido pela CEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear) em uma exposição batizada de “Atomos em ação”, em 1959.

Assim, a artista embaralha intencionalmente as cartas. O que é arquivo? O que é imagem atual? Ainda é possível crer em uma imagem? Estamos diante de uma investigação sobre os desdobramentos da corrida armamentista nuclear em uma época marcada pelo regime militar no Brasil. Artista/historiadora, Romy passou meses entre trabalho de campo e pesquisa em arquivos afim de escrutinar esse ponto cego de nossa historia recente. A rodovia Transamazônica, que foi alvo de revisão histórica e poética da artista, cuja construção teve início durante o governo de Médici (1969-1974), nunca tendo sido concluída, ecoa o projeto nuclear brasileiro. Ambos são símbolos da nossa mais fiel entropia.

É importante notar a coragem implicada na escolha, por parte da artista, por um objeto muito distante da eloquência visual do projeto da Transamazônica. Em “Bombrasil” saem de cena as fotografias coloridas que captam a melancolia de um tempo pos-utopico, e se faz presente um labirinto discreto, preto e branco, potente em sua conjunção de palavras e imagens, sem espaço para qualquer alarde. No programa poético de Romy, ir até as ruínas de um tempo suspenso não significa paralisia ou niilismo. Aprendemos com Walter Benjamin a dimensão potente do que está fadado ao esquecimento. Recordar as bordas da história, acompanhando Benjamin, é narrar o presente a contrapelo, olhando uma outra vez mais para a face às vezes bárbara, às vezes melancólica, do nosso presente. Assim, “Bombrasil” surge como um gesto que caminha na contramão de uma sociedade da amnésia, cultivando, isto sim, um território fértil para que uma memória crítica floresça.

1. BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: Obras escolhidas - V. I, P. 226 [↑](#footnote-ref-1)